

A memória da cidade resiste ao progresso

11.306
Por Suely Lievori

Apesar da expansão arquitetônica, motivada a partir da década de 60 pelo processo de desenvolvimento urbanístico, a cidade de Vitória conserva alguns locais cuja paisagem reconta a história capixaba. O Morro da Fonte Grande, localizado no final da rua Sete de Setembro, na Cidade Alta, é um dos exemplos. Lá, ainda existem prédios e casarões — bem conservados — do início do século, contrastando com a vista da orla marítima, cheia de es-pigões modernos.

O estilo arquitetônico que prevalece é o neoclássico, do período compreendido entre o início do século e meados de 1930, acentuando a linha eclética, ou seja, imitando o traçado gótico, dando ênfase ainda aos estilos grego, romano e colonial português. O resultado é uma cópia “mal acabada” dos contornos arquitetônicos da Europa. Esta concepção arquitetônica, na opinião do arquiteto do Instituto Jones dos Santos Neves, sr. André Abbe, “reflete os termos de colonização do Espírito Santo e a necessidade de se fazer, aqui, a Europa dos colonizadores”.

FORA DO TEMPO

Se um observador mais sensível atentar para os contornos arquitetônicos do Morro da Fonte Grande e ruas Graciano Neves e Sete de Setembro, sentir-se-á em outros tempos ao deixar que sua mente divague e exclua os prédios modernos construídos no início da ladeira. Olhando para a casa de número 493, da rua Sete de Setembro, o mesmo observador poderá imaginar que uma dama, vestida à moda de 1900 — com vestidos longos, rodados e rendados — sairá de sua residência e entrará em uma carruagem.

Mas a ilusão dura pouco. Quem sai é um senhor, executivo, com pasta na mão e que entra num carro do ano. Esse contraste entre o antigo — das residências — e o novo — dos confortos da vida moderna — faz do Morro da Fonte Grande um lugar cobiçado por toda a classe média. Para o sr. Damasceno Salles de Alcântara — o executivo que saiu da casa número 493 do início desta estória — “morar no final da rua Sete de Setembro é estar um pouco fora da época. Aquela sensação de ora estar no século XX e ora no século anterior. Olhar a casa e pensar como viveram os seus antigos moradores, seu modo de vida e costumes, e, ao mesmo tempo, comparar com a vida agitada de hoje”.

Continua na página 8

TRIB, 04
da 10/81

Arquitetura



Os moradores reconhecem o privilégio e querem mantê-lo

A memória da cidade resiste ao progresso

Por
Suely Lievori
Fotos: Romero Mendonça

Enquanto o crescimento vertical estabelecia novo estilo arquitetônico à cidade, os velhos casarões permaneciam irretocados e longe da especulação imobiliária. Hoje eles preservam a memória de Vitória, mesmo com sua variada e às vezes

conflitante mistura de estilos e épocas. Isso não impede que mantenham a imponência e a elegância de formas que aos poucos retornam com roupagem nova através das belas mansões das Ilhas do Boi e do Frade. Assim, convivem duas cidades com espírito diferentes, permitindo um perfil de contrastes à cidade.

(Continuação da 1ª Página — Segundo o sr. Damasceno Alcantara, a casa foi construída em 1901 — ele não soube precisar os nomes dos edificadores. O estilo arquitetônico é uma mistura do romano — com muitas colunas retorcidas na sacada — e do gótico — devido à declividade do teto, dando a entender que a casa esta preparada para receber uma forte geada. Por fora, a casa esta pintada de bege claro, que segundo o atual proprietário, é sua cor natural. Por dentro, pouca coisa relembra a época de construção. Os móveis, apesar do estilo clássico são de fabricação moderna, assim como os lustres e o ar condicionado colocado estrategicamente atrás de uma das colunas retorcidas da sala.

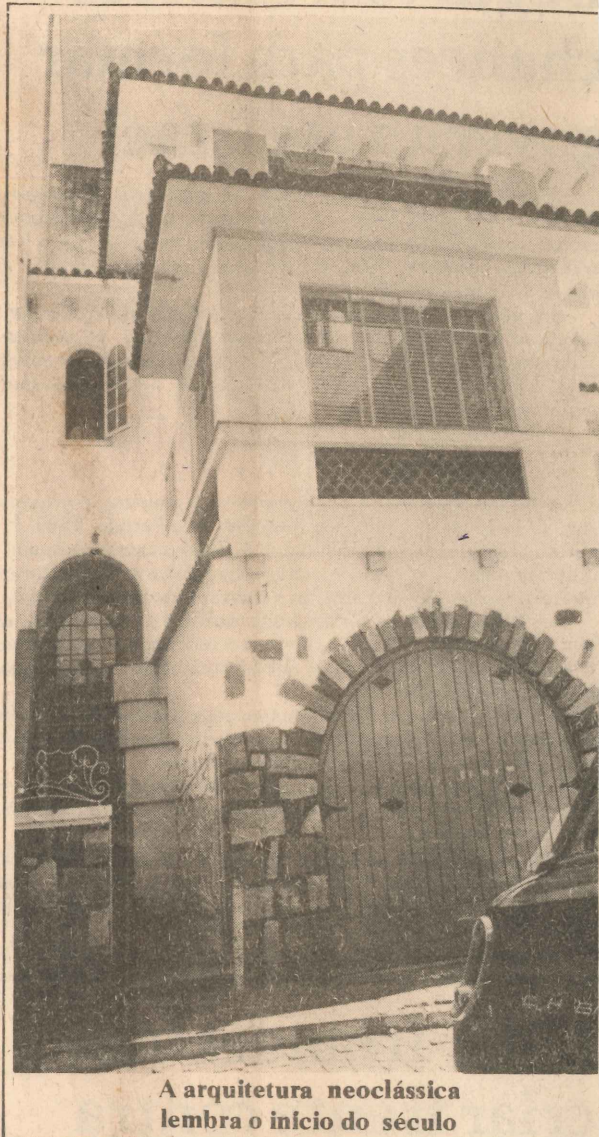
O ar condicionado contrasta com a lareira existente no centro do aposento principal - o que também não foi explicado pelo proprietário, já que o estilo da casa tende para o romano e a lareira está deslocada. Todavia, esta prática eclética arquitetônica comprova a opinião do arquiteto do IJSN, quanto à mistura de estilos, característica das edificações do início do século. O sr. Damasceno Alcantara argumentou que não pretende vender a "casa romana" — como é chamada pelos vizinhos — e que sua característica histórica "será mantida e preservada".

O mesmo não ocorre com a casa de número 97 da rua Muniz Freire na Cidade

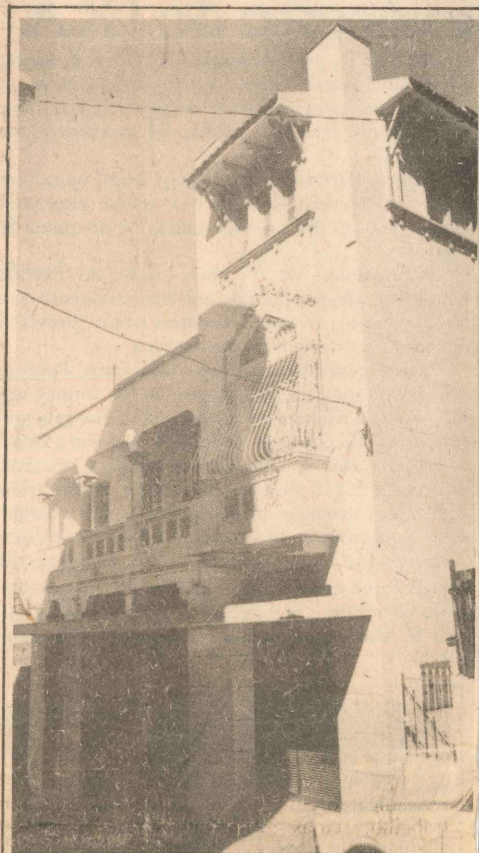
Nesse sentido, o morro da Fonte Grande é para o capixaba o que Santa Tereza é para o carioca. A única diferença é que lá ainda existe o bondinho e aqui, somente o viaduto da rua Caramuru, onde há 50 anos transitava o "Bonde Capixaba". E esta visão saudosista, faz com que o capixaba opte, hoje, pela construção de casas no estilo colonial, querendo trazer para a cidade os contornos dos antigos casarões na zona rural, "numa última tentativa de preservar as linhas arquitetônicas que ele mesmo destruiu", concluiu o sr. André Abbe.

A história da preservação do morro da Fonte Grande vem de longa data. De acordo com os relatos da sra. Juracy Barros — moradora mais antiga da região e esposa do engenheiro que elaborou a planta arquitetônica do bairro, em meados dos anos 20 e 30 — o bairro é somente residencial e à iniciativa privada é dada margem de edificação na parte do morro que compreende a encosta e o setor plano. O mesmo ocorre com a localização comercial, para quem somente é destinada uma região de dez por cento da área do bairro e onde é sentido somente o comércio pequeno, como por exemplo, lanchonetes, bares, açougues e boutiques.

O comércio utilizado pelos moradores daquelas redondezas compreende todo o centro comercial de Vitória, rua Sete de Setembro, Gama Rosa, Jerônimo Monteiro



A arquitetura neoclássica lembra o início do século



sr. Damasceno Alcantara, a casa foi construída em 1901 — ele não soube precisar os nomes dos edificadores. O estilo arquitetônico é uma mistura do romano — com muitas colunas retorcidas na sacada — e do gótico — devido à declividade do teto, dando a entender que a casa está preparada para receber uma forte geada. Por fora, a casa está pintada de bege claro, que segundo o atual proprietário, é sua cor natural. Por dentro, pouca coisa lembra a época de construção. Os móveis, apesar do estilo clássico são de fabricação moderna, assim como os lustres e o ar condicionado colocado estrategicamente atrás de uma das colunas retorcidas da sala.

O ar condicionado contrasta com a lareira existente no centro do aposento principal — o que também não foi explicado pelo proprietário, já que o estilo da casa tende para o romano e a lareira está deslocada. Todavia, esta prática eclética arquitetônica comprova a opinião do arquiteto do IJNS, quanto à mistura de estilos, característica das edificações do início do século. O sr. Damasceno Alcantara argumentou que não pretende vender a “casa romana” — como é chamada pelos vizinhos — e que sua característica histórica “será mantida e preservada”.

O mesmo não ocorre com a casa de número 97, da rua Muniz Freire, na Cidade Alta, onde esta abandonada e entregue a sua sorte. Ao seu lado, a casa de número 99 já foi destruída, o que na opinião do sr. Miguel Cavalcanti de Oliveira — o bicheiro que utiliza um cômodo da referida casa para as apostas do jogo do bicho — “é o destino certo. A demolição da 97 é só uma questão de tempo”. A casa foi construída — de acordo com o número da testada — em 1907, e até hoje somente sofreu uma reforma. As características arquitetônicas foram preservadas e o estilo predominante é o neoclássico, ou seja, apresenta traços coloniais com fachada romana simples.

A casa do lado, muito mais conservada, relembra as edificações do período colonial, com janelas e portas em arcos, sacadas de ferro retorcido no estilo barroco e muito vidro colorido. Já na rua Uruguai, também na Cidade Alta, o estilo predominante das casas são fachadas em pedras, demonstrando que o período de edificação remonta aos anos 20 e 30, quando o ecletismo europeu dava margem a introdução do neomoderno, com predominância do traçado mais reto, menos contornos rebuscados e ausência total do barroco. No sopé do morro da Fonte Grande os edifícios modernos já tomaram conta, contrastando com a historicidade dos antigos casarões.

E segundo a sra. Maria do Rosário de Albuquerque, residente à rua Uruguai, os moradores — através de abaixo-assinados — impedem que as imobiliárias construam prédios muito altos, ou que danifique a paisagem arquitetônica. Nesse sentido, em 1975, conseguiram fechar uma rua e nela fazer uma área de lazer. Ainda segundo ela, a população residente na parte mais alta do morro e que fazia, da referida rua, garagem pública, não gostou muito da idéia. “Mas não tiveram outra opção, senão aceitar a decisão da comunidade”. Assim, as construções históricas são preservadas.

é para o capixaba o que Santa Tereza é para o carioca. A única diferença é que lá ainda existe o bondinho e aqui, somente o viaduto da rua Caramuru, onde há 50 anos transitava o “Bonde Capixaba”. E esta visão saudosista, faz com que o capixaba opte, hoje, pela construção de casas no estilo colonial, querendo trazer para a cidade os contornos dos antigos casarões na zona rural, “numa última tentativa de preservar as linhas arquitetônicas que ele mesmo destruiu”, concluiu o sr. André Abbe.

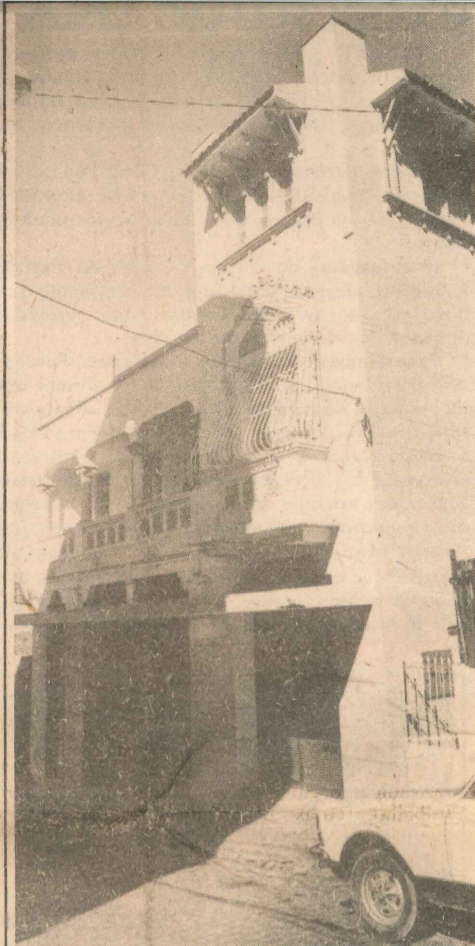
A história da preservação do morro da Fonte Grande vem de longa data. De acordo com os relatos da sra. Juracy Barros — moradora mais antiga da região e esposa do engenheiro que elaborou a planta arquitetônica do bairro, em meados dos anos 20 e 30 — o bairro é somente residencial e a iniciativa privada é dada margem de edificação na parte do morro que compreende a encosta e o setor plano. O mesmo ocorre com a localização comercial, para quem somente é destinada uma região de dez por cento da área do bairro e onde é sentido somente o comércio pequeno, como por exemplo, lanchonetes, bares, açougues e boutiques.

O comércio utilizado pelos moradores daquelas redondezas compreende todo o centro comercial de Vitória, rua Sete de Setembro, Gama Rosa, Jerônimo Monteiro e Princesa Isabel — para a classe média — e Vila Rubim — para a classe baixa. O bairro é dividido — a exemplo de todos os bairros de Vitória — em duas populações: a da zona mais baixa, apesar de também ser morro, frequentada pela classe média, e a da zona do alto do morro pela classe baixa. Esta última, tem que subir todo o morro com as sacolas de compras nas mãos, já que o acesso é impedido para automóveis, devido às escadarias. Já nas compras da classe média são elevadas pelos carros de entrega dos supermercados.

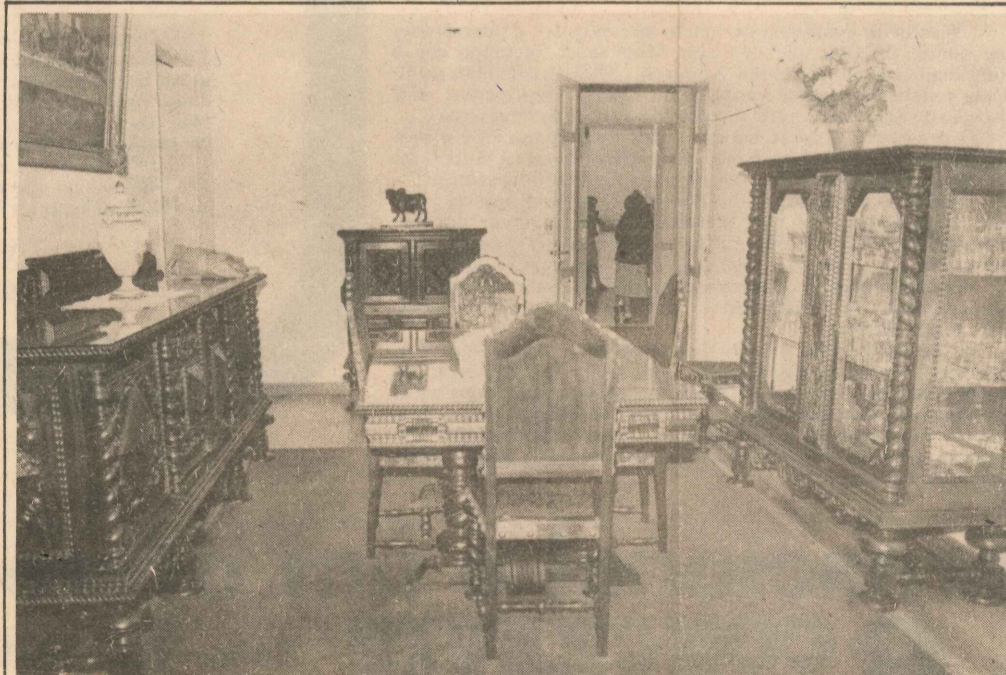
A maioria das casas são habitadas pelos proprietários — com acentuada concentração de médicos e engenheiros — e os aluguéis são muito elevados, devido à localização do bairro: perto do grande centro comercial e de lazer de Vitória, e ao mesmo tempo distante da poluição e da algazarra urbana.

As únicas reclamações dos moradores do morro da Fonte Grande, partem contra a instalação do clube “Chapéu de Palha” e da quadra de ensaios da Escola de Samba Piedade. O movimento de carros rarifica a partir das 22 horas. Aliando todas essas vantagens à característica histórica arquitetônica das construções do Morro da Fonte Grande, é o legado de várias gerações”, argumentou a sra. Etelvina Moraes.

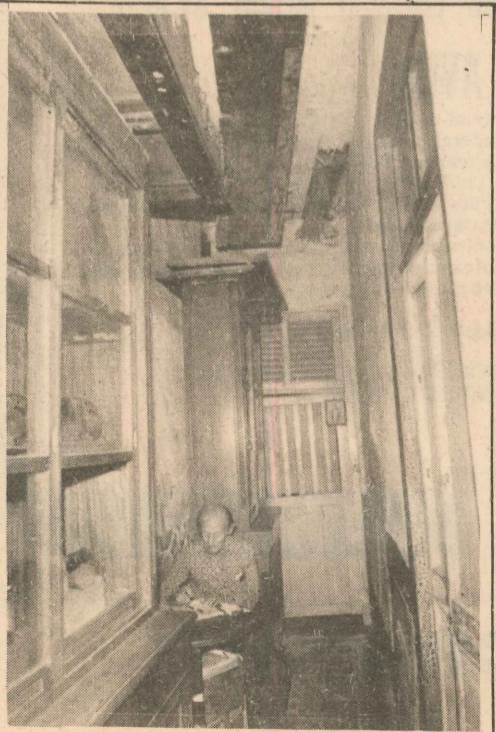
E mesmo para quem mora nas regiões mais altas dos morros da Cidade Alta, a vista panorâmica que se estende acima dos prédios compensa à carência de infraestrutura. E dos casarões, olhando a paisagem urbana, as moças modernas sonham, assim como sonhavam as “donzelas” de antigamente. As ruas estreitas acentuam a historicidade do bairro, denotando o tempo em que por elas transitavam charretes e carroças, mais tarde os bondinhos e bicicletas, e hoje, os automóveis — cuja fumaça expelida e depois transformada em foligem, cobre as casas, danifica o mármore, transformando-o em gesso que é derretido com as águas da chuva, destruindo o patrimônio histórico.



As linhas arquitetônicas mantêm viva a lembrança de outra época, apesar do contraste com o moderno estilo dos espigões, que proliferam



Nos interiores, a tradição é mantida, mas o moderno pode ser notado



O casarão da Muniz Freire está com os dias contados